

Diariamente chegam-nos notícias que a TV e os jornais filtram e ocultam, mas que causam mal-estar, apreensão e temor pela colonização do mundo ocidental por meio da violência.

De volta ao Reino Unido após a deportação. Novos números impressionantes do Ministério do Interior revelam que centenas de migrantes deportados conseguem regressar ao Reino Unido, por vezes em várias ocasiões. Mais de 4 600 migrantes deportados à força da Grã-Bretanha já conseguiram regressar ao país. Entre 2021 e 2025, os dados do Ministério do Interior revelaram 4 614 casos distintos de reentrada após a deportação. A verdadeira dimensão do problema é provavelmente muito maior, uma vez que as autoridades admitem ser impossível cruzar todos os indivíduos com verificações de identidade anteriores. Surpreendentemente, 723 migrantes foram expulsos do país em duas ou mais ocasiões, apenas para serem encontrados de volta no Reino Unido. Os números sugerem que, em média, mais de dois migrantes deportados conseguem regressar ao país diariamente. Os contribuintes arcam com uma conta avultada neste ciclo, com os regressos forçados a custar, em média, 48 800 libras cada.

Vítima de agressão sexual, condenada a prisão por alertar as mulheres sobre «homens imigrantes africanos e árabes» — o agressor está em liberdade. Considera que uma vítima de crime deve ser PUNIDA pelo próprio governo por dizer a verdade sobre o agressor? Uma mulher francesa chamada Thaïs d'Escufon sobreviveu a uma agressão sexual perpetrada por um migrante tunisino em 2022. Quando apresentou queixa à polícia, foi-lhe dito que não conseguiam localizá-lo — que já havia 6 000 casos semelhantes por resolver. Em vez de obter justiça, enfrentou um processo judicial por ter relatado o próprio trauma na televisão.

Em duas aparições televisivas distintas, d'Escufon expôs factos sobre padrões que tinha observado: a principal ameaça à segurança das mulheres em França provém de certos grupos de migrantes. Por falar sobre a agressão que sofreu e apresentar a sua perspetiva, o governo francês acusou-a de «insulto público» com base na origem e na etnia.

Uma organização antirracista chamada Dilcrah processou-a. Os procuradores chegaram mesmo a exigir pena de prisão, alegando que ela estava a «fazer-se de vítima para chamar a atenção nas redes sociais» — linguagem retirada diretamente dos argumentos da esquerda americana sobre o silenciamento da dissidência. O veredito foi proferido em junho: culpada. Foi multada em 1 000 € e escapou por pouco a seis meses de prisão. O seu agressor continua em liberdade. A França afirma ser uma democracia, mas castiga as vítimas por revelarem factos sobre os seus agressores, enquanto o verdadeiro criminoso anda à solta.

INACREDITÁVEL: Um jovem anglófono defendeu a namorada de um somali que tentava agredi-la sexualmente. O somali esfaqueou-o e ele tentou defender-se, acabando por ser internado no hospital. A justiça escocesa processou-o por agressão e condenou-o, manchando-lhe o registo criminal, enquanto o somali ficou em liberdade e nem sequer compareceu ao julgamento.

A iraniana Ghazal Marzban, convertida ao cristianismo, foi condenada a 9 anos e 8 meses de prisão após as autoridades terem confiscado a sua Bíblia e literatura cristã durante uma rusga à sua casa em Teerão. Marzban, que se converteu ao catolicismo há sete anos, foi condenada por acusações que incluem «propaganda contra o Estado» e «reunião e conluio contra a segurança nacional». Durante os interrogatórios, foi pressionada a admitir que a sua Bíblia era utilizada para evangelismo, alegação que negou, insistindo que os materiais se destinavam a uso pessoal. Foi detida em janeiro e mantida em prisão preventiva durante cerca de um mês, sem contacto com o exterior. O seu marido, que sofre de Parkinson e também é cristão convertido, depende de medicação que se tem tornado difícil de obter.

Migrantes num barco apanhados a atirar documentos para o oceano. Imagens chocantes captam o momento em que indivíduos num pequeno barco no Canal da Mancha parecem deitar intencionalmente os seus passaportes e documentos ao mar. Risos e zombarias acompanham o ato à medida que se

aproximam da costa britânica, levantando sérias questões sobre a integridade dos atuais protocolos de imigração. A estratégia por trás do abandono dos documentos de identificação é clara: sem papéis, as autoridades enfrentam enormes dificuldades para determinar a idade, o país de origem ou os antecedentes criminais, o que torna a deportação praticamente impossível. Os especialistas sugerem tratar-se de uma manobra calculada para explorar um sistema falho, contornando os controlos de segurança para permanecer no país indefinidamente. É uma cena que desafia a narrativa dos refugiados desesperados, revelando, em vez disso, um desrespeito flagrante à lei e à ordem. Por quanto tempo mais poderá esta exploração do sistema continuar?

Os Países Baixos pagam pensões de sobrevivência financiadas pelos contribuintes (prestações de viuvez pagas após o falecimento do marido) a viúvas de casamentos polígamos em Marrocos e na Tunísia. Dados divulgados pelo Banco de Segurança Social dos Países Baixos (SVB) revelam que, em 2025, foram pagos 45 118,71 € em dois casos em que duas viúvas do mesmo homem partilharam a prestação. Mas, os tribunais holandeses decidiram que os pagamentos devem continuar devido a acordos de segurança.

A Espanha recebeu pelo menos 1,3 milhões de pedidos de migrantes em situação irregular que buscam obter estatuto legal no âmbito do maior programa de regularização da história da Europa, mais do dobro do meio milhão de pedidos que o governo esperava. Pedro Sánchez defendeu a amnistia como um ato de justiça e afirma que irá impulsionar a economia. A população de origem estrangeira em Espanha ultrapassa agora os 10 milhões, cerca de 20,3% da população do país, a percentagem mais elevada da sua história, num momento em que o país enfrenta uma onda sem precedentes de crimes violentos, ausência de lei, desordem pública, violência nas ruas e um aumento acentuado dos crimes de violação.

Um debate aceso desenrola-se por toda a Europa, à medida que a Dinamarca pondera tornar-se o primeiro país a impor uma proibição da chamada islâmica para a oração. Os defensores da medida apresentam-na como necessária contra a «islamização» da sociedade ocidental, enquanto os críticos e os defensores dos direitos civis argumentam que tal legislação arrisca fomentar a discriminação e de infringir as liberdades religiosas nas democracias liberais. DINAMARCA ACABOU DE FAZER AO ISLÃO ALGO QUE TODOS OS OUTROS TÊM DEMASIADO MEDO DE FAZER. A Dinamarca pode ter-se tornado a fortaleza ocidental mais resistente da Europa contra o islamismo radical. Nem a Suécia, nem a França, nem a Alemanha. Um país com cerca de 6 milhões de habitantes, com uma população inferior à de Londres, construiu um muro à volta da sua própria civilização. Não se trata apenas de um muro fronteiriço, mas de um muro jurídico, cultural e político. A Dinamarca reforçou as suas fronteiras. Reprimiram as sociedades paralelas, aprovaram leis agressivas contra os guetos, proibiram os véus que cobrem totalmente o rosto, proibiram salas de oração nas escolas, reduziram drasticamente as aprovações de asilo para um mínimo histórico e rejeitaram abertamente o modelo multicultural que se espalha por grande parte da Europa.

Chrys Chrystello, Jornalista,
Membro Honorário Vitalício nº 297713 [Australian Journalists' Association - MEEA]



dichrystello@journalist.com
Diário de Três-os-Montes (2006), Diário dos Açores (2018), Jornal LusoPress, Quêbec, Canadá (2020)